Jazz
23 de junho 2014
Ciclo "Jazz +351"
Comissário: Pedro Costa

Lencastre, Prochazka, Cabaud

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

Seg 23 de junho
21h30 · Pequeno Auditório
Duração: 1h · M3

Piano Vojtech Prochazka
Contrabaixo Demian Cabaud
Bateria João Lencastre

Da singularidade

Em todas as artes, o que mais se valoriza é a singularidade. Esta é, inclusive, o grande fator de identificação de um estilo, um conceito e uma personalidade. Ainda assim, nada pode ser absolutamente singular, sob o risco da incompreensibilidade e da falta de empatia para com o público. Tal condicionalismo parece tão óbvio, tão banal, que ninguém o discute, mas a sua importância explica as correntes distinções entre o que é popular, o que é erudito e o que é experimental, consoante o posicionamento que um artista ou uma obra tem na escala da diferenciação.

Quem possui os níveis singulares baixos diz-se do *mainstream* e quem os mantém no topo considera-se como sendo de "vanguarda". O problema é que as coisas são bastante mais complicadas, e um exemplo musical disso está no trio formado por João Lencastre, Vojtech Prochazka e Demian Cabaud... Nessa régua de medição que mais se assemelha à amplitude de notas de um trombone ou um violino, a tendência é para cair nos meios-tons, quando não mesmo nos quartos-de-tom.

Foi a mais popular das artes do espetáculo que deu origem a este projeto: o circo. Nesse aspeto, o trio não podia ser artística e culturalmente mais plebeu. Deixemos que Lencastre nos conte a história: «Conheci o Vojtech em 2001, numa *jam session* no Hot Clube. Ele estava em Lisboa com a banda de um circo checo que cá permaneceu durante um mês. Vinha todas as terças e quartas à *jam* e houve desde logo uma boa ligação. Nos dois anos seguintes voltou com o circo... A sua presença passou a ser quase anual, e a partir de 2004 foi aparecendo em digressão com o seu grupo, o Vertigo Quintet. Houve sempre oportunidade para umas colaborações e em 2006 fui até Praga para fazer uns concertos em quarteto com ele, David Douruzka e Rastik Uhrik. Desde então que trabalhámos juntos mais umas quantas ocasiões e fiquei sempre com vontade de montar algo de menos circunstancial com o pianista...»

A forma como João Lencastre conheceu o argentino, mas há muito radicado no Porto, Demian Cabaud teve, por sua vez, similitudes com a movimentação circense pelos caminhos do mundo: «Foi no verão de 2003. O primeiro concerto aconteceu com o quinteto do Francisco Pais e nessa mesma altura fizemos uma *tour* pela Galiza e por Portugal com André Matos, Leo Genovese e Miguel Fernandez.» Ora, dá-se a coincidência de que Cabaud também tem um passado de encontros com Prochazka – volta e meia, o contrabaixista aparecia nas tais *jams* do Hot. Esta é uma confluência que se explica pelo nomadismo próprio dos músicos improvisadores. Muitas das formações que surgem nestes meios são efémeras, e se esta «nasce agora para o concerto na Culturgest», o certo é que os propósitos são gravar e continuar...

Piano, contrabaixo e bateria. À partida, o formato coincide com o modelo "trio de piano jazz", mas mais uma vez não é assim tão simples. Este está matizado nos trios de Bill Evans, tendo como expoentes máximos de então para cá os combos de Keith Jarrett e Brad Mehldau, mas não é por aí que os três pretendem seguir. Diz o baterista e mentor deste estreante investimento: «Pois não. Esses trios tocam sobretudo temas e nós o que queremos é improvisar livremente, tocar "o momento", sem termos nada programado. Podemos desembocar num ambiente com influências de Jarrett e Evans, Ahmad Jamal e Herbie Nichols, ou não... E ao contrário desses casos, não há um líder. O meu nome surge em primeiro lugar porque fui eu que pus o trio "de pé", mas musicalmente somos todos líderes. Acho que para um grupo de improvisação livre funcionar não pode haver líderes, temos de estar abertos às ideias uns dos outros.»

A dupla circulação de Lencastre no jazz convencional e na livre-improvisação tem-no distinguido, pois quem está num lado não frequenta o outro. Ele está nos dois porque considera que a separação não faz sentido: «Nos contextos ditos mais *mainstream* há, normalmente, uma forma/estrutura em que se improvisa, o que não se verifica na improvisação de vanguarda. O certo é que, mesmo improvisando sobre uma forma, a improvisação deve fluir livremente, dependendo da sala, do som do instrumento, do estado de espírito, etc. Quando ouvimos os discos dos grandes mestres da história do jazz, é interessante reparar o quão diferente o mesmo tema soa de uma sessão para a outra. É essa para mim a essência do jazz.»

Sobre a questão, adianta o também compositor: «É tudo um fator de opção... Pessoalmente, gosto das duas vertentes e por isso dedico-me a ambas. Assim o fazem igualmente os meus colegas do No Project Trio, João Paulo Esteves da Silva e Nelson Cascais. Não vejo risco algum nisso, e até acho bastante enriquecedor. Continuo a estudar a tradição e esta ajuda-me quando toco coisas de vanguarda, assim como os projetos de vanguarda me dão novas

ideias para quando estou em projetos *mainstream*.»

Isto quer dizer que com o Lencastre-Prochazka-Cabaud Trio «tudo pode acontecer». «De repente até podemos ir parar a um *standard* ou a uma atmosfera *bluesy*, mas sempre de uma forma espontânea e natural. Também podemos estar num dia mais abstrato, mais minimal ou o que seja», afirma João Lencastre. O que importa realmente são os contrastes criados: «Na minha opinião, o contraste é um dos aspetos mais importantes da música. O facto de os três sabermos tocar o jazz mais tradicional e o mais contemporâneo, e rock, e eletrónica e outras linguagens, dá-nos um maior leque de materiais para improvisar.»

Esta abertura de João Lencastre poderá ser explicada, em parte, pela circunstância de ser um dos mais internacionalmente rodados dos músicos portugueses, tendo no currículo um bom número de parcerias com *jazzmen* de outras proveniências geográficas. «Essa experiência proporcionou-me conhecer diferentes maneiras de ver a música e ajudou-me a crescer como músico», comenta. Na eterna verificação do que há de especificamente "português" no jazz e na improvisação nacionais, ele será das menos autóctones das vozes, mas isso porque entende que o jazz, música global, não tem de ser adjetivado regionalmente: «Não sei se podemos considerar que existe um "jazz português". No geral, acho que cada vez mais os nossos músicos de jazz absorvem influências de várias culturas e géneros musicais, o que torna a sua música universal.»

É esta universalidade que caracteriza o jazz do presente início de século e milénio, tanto quanto o derrube do segregacionismo entre as práticas que seguem pela autoestrada e as que preferem caminhos mais exploratórios. João Lencastre, Vojtech Prochazka e Demian Cabaud escolheram para esta viagem um combustível que todos os motores podem carburar, a improvisação. Utilizam-na com a desenvoltura de um trapezista, na certeza de que, até nos trilhos mais difíceis, somos todos potencialmente capazes de os entender.

Rui Eduardo Paes
Crítico de música, ensaísta,
editor da revista "online" jazz.pt

João Lencastre

João Lencastre é um baterista e compositor natural de Lisboa. Começou a tocar com 13 anos e ao longo da sua carreira já teve a oportunidade de tocar diversos estilos musicais, desde o jazz *mainstream*, ao mais *avant garde*, rock alternativo, eletrónica, metal, *reggae*, rock, punk, *afro-beat*...

Tocou e gravou com alguns dos melhores músicos do panorama nacional e internacional, como David Binney, Bill Carrothers, André Fernandes, Mário Franco, Thomas Morgan, Jacob Sacks, Afonso Pais, Carlos Martins, Carlos Barretto, Phil Grenadier, André Matos, Demien Cabaud, Leo Genovese, Johannes Kriger, Peter Bernstein, Masa Kamaguchi, Benny Lackner, Nelson Cascais, Spill, João Paulo Esteves da Silva, Vojtech Prochazka, David Doruzka, Noah Preminger, Rus Johnson, Sean Conly, Randy Ingram, Demian Cabaud, Jeremy Stratton, Tiago Bettencourt & Mantha, Blasted Mechanism, Jacinta, Cacique 97 e Philarmonic Whed, entre muitos outros.

Tem tido a oportunidade de pisar diferentes palcos por esse mundo fora, incluindo Nova Iorque, República Checa, Inglaterra, Polónia, Espanha ou Panamá.

Tem já editados três discos com o seu grupo Communion: *One!* (2007) e *B-Sides* (2008) para a Fresh Sound/New Talent, e *Sound it Out* (2010) para a TOAP Records. Todos eles foram muito bem recebidos pela imprensa nacional e internacional, destacando-se críticas muito positivas nas conceituadas revistas *Modern Drummer*, *Jazz Times*, *Ípsilon*, *Jazz.pt*, *All Aboout Jazz*, *NYC Records*, para referir apenas algumas.

Em setembro deste ano será publicado pela editora italiana Auand Records, o quarto trabalho de João Lencastre's Communion, disco que foi gravado no final de 2012 em Nova Iorque e que conta com a participação de David Binney, Phil Grenadier, Jacob Sacks, Thomas Morgan, André Matos, e os convidados Sara Serpa, Tiago Bettencourt, Ary e Benny Lackner (in www.joaolencastre.com/live)

Vojtech Prochazka

Vojtech Prochazka nasceu em Praga em 1981. É um dos mais conceituados pianistas e compositores de jazz e música improvisada. Correntemente trabalha com frequência com piano preparado.

Depois de obtido um diploma de bacharelato no Conservatório Jaroslav Jezek em Praga, estudou, durante dois anos, no famoso Conservatório Nacional Superior de Música em Paris, jazz, composição e música clássica do Norte da Índia. Em 2009 foi o primeiro estrangeiro de sempre a ser aceite no programa de mestrado de jazz e música improvisada na NMH (Academia de Música da Noruega) em Oslo. No primeiro ano de estudos liderou os seguintes projetos, todos focados na música improvisada: *Grydeland/Prochazka* com o guitarrista Ivar Grydeland (Huntsville, Dans les arbres, Anne Hukkelberg), *Vojtech & Per Oddvar* com o baterista Per Oddvar Johansen (Christian Wallumrod, Close Erase, The Source) e

Ronnekleiv/Prochazka/Reinertsen com o violista e violinista Kari Ronnekleiv (Ole-Henrik Moe, Kim Myhr) e o saxofonista Espenem Reinertsenem (Streifenjunko, Christian Wallumrod). Os seus atuais projetos incluem o Vojtech Prochazka Trio com os noruegueses Adrian Myhr e Tore Sandbakken (publicaram o CD *Amoeba's Dance*), Raga Bansal, com o violinista indiano Harpreet Bansal e o tocador de tabla norueguês Andreas Bratlie e o duo áudio/vídeo Prochazka/Blažíček com o artista visual experimental Martin Blažíček, com atuações ao vivo. Prochazka também toca música improvisada para filmes mudos e compõe música para filmes. Em 2010-2011 deu aulas de piano e composição no Conservatório Jarosla Jezek. E obteve o seu diploma de mestrado na NMH. (in www.vertigoquintet.com/pages/en/members.php)

Demian Cabaud

Demian Cabaud nasceu em 1977, em Buenos Aires, Argentina.

Em 1998 graduou-se pelo Instituto Tecnológico de Música Contemporânea, Buenos Aires e em 2000 pelo Berklee College of Music International Network na Argentina.

Estudou contrabaixo com Hernan Merlo e Miguel Angel Villarroel, e atualmente está sob a tutoria de Alejandro Erlich Oliva.

Em 2001 foi bolseiro na Berklee College of Music em Boston, Massachusetts, obtendo o diploma em maio de 2003.

Estudou com Hal Crook, Ed Tomassi, Dave Santoro, John Lockwood, Whit Brown, George Garzone, Danilo Perez e Frank Carlberg, entre outros.

Faz parte da prestigiosa Orquestra Jazz de Matosinhos.

Como *leader* editou *Naranja* pela TOAP Records em 2008, *Ruínas* pela TOAP Records em 2010, *How about you?* pela TOAP Records em 2011 e *En Febrero* pela Fresh Sound New Talent Records em 2013.

Tocou com Lee Konitz, Joe Lovano, Chris Cheek, Mark Turner, Bill McHenry, Rich Perry, Rick Margitza, Seamus Blake, Ohad Talmor, Perico Sambeat, Jesus Santandreu, David Schnitter, Maria Schneider, Kurt Rosenwinkel, Phil Grenadier, Darren Barret, Russ Johnson, Jason Palmer, Juan Cruz Urquiza, Jason Moran, Bill Carrothers, Leo Genovese, Bernardo Sassetti, Albert Sanz, Mário Laginha, Maria Rita, Maria João, Theo Bleckman, Sheila Jordan, John Riley, Jorge Rossy, Gerald Cleavert, Francisco Mela, Dan Weiss, Ferenc Nemeth e John Hollenbeck, entre muitos outros.

Colaborou com Joe Lovano, num DVD educativo *Developing a personal approach*, Berklee Press. (in demiancabaud.com)

Próximo espetáculo

Mais Pra Menos Que Pra Mais

de vera mantero & convidados
Em colaboração com o Teatro Maria Matos

Imagem de E. Francisca, V. Mantero, R. Santos

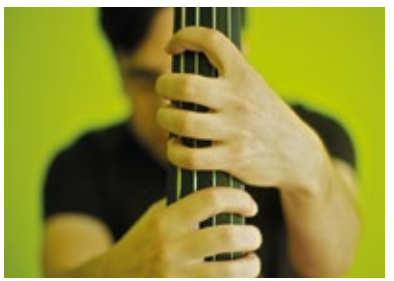
De qua 25 a dom 29 de junho
Entrada livre · M12

Hortas urbanas, conferências, *performances* e concertos entre a Culturgest e o Teatro Maria Matos. Poderá consultar o programa completo no site da Culturgest.

Próximo espetáculo de música

Hugo Carvalhais Trio

Ciclo "Jazz +351"
Comissário: Pedro Costa



Jazz **Dom 6 de julho**
Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M3

Em trio podemos continuar a reconhecer as linhas de força da escrita de Carvalhais, designadamente a elegância formal do jazz europeu, a mutabilidade do rock progressivo, a complexidade da música contemporânea e a visceralidade do *free jazz* original.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração
Presidente
Álvaro do Nascimento
Administradores
Miguel Lobo Antunes
Margarida Ferraz

Assessores
Dança
Gil Mendo
Teatro
Francisco Frazão
Arte Contemporânea
Miguel Wandschneider

Serviço Educativo
Raquel dos Santos Arada
Pietra Fraga
Alice Neiva
Estagiária:
Teresa Vaz

Direção de Produção
Margarida Mota

Produção e Secretariado
Patrícia Blázquez
Mariana Cardoso
de Lemos
Jorge Epifânio

Exposições
Coordenação de Produção
Mário Valente
Produção
António Sequeira Lopes
Paula Tavares dos Santos
Fernando Teixeira
Culturgest Porto
Susana Sameiro

Comunicação
Filipe Folhadela Moreira
Estagiária:
Mariana Cunha

Publicações
Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais
Catarina Carmona
Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros
Cristina Ribeiro
Paulo Silva
Teresa Figueiredo

Direção Técnica
Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes
Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica
José Manuel Rodrigues

Audiovisuais
Américo Firmino
(coordenador)
Paulo Abrantes
Ricardo Guerreiro
Suse Fernandes

Iluminação de Cena
Fernando Ricardo (chefe)
Vítor Pinto

Maquinaria de Cena
Nuno Alves (chefe)
Artur Brandão

Técnico Auxiliar
Vasco Branco

Frente de Casa
Rute Sousa

Bilheteira
Manuela Fialho
Edgar Andrade
Clara Troni

Receção
Sofia Fernandes
Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo
Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos
Isabel Corte-Real
Inês Costa Dias
Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD
Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1
Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03
culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo

As emissões de gases com efeito de estufa associadas à produção desta publicação foram compensadas no âmbito da estratégia da CGD para as alterações climáticas.